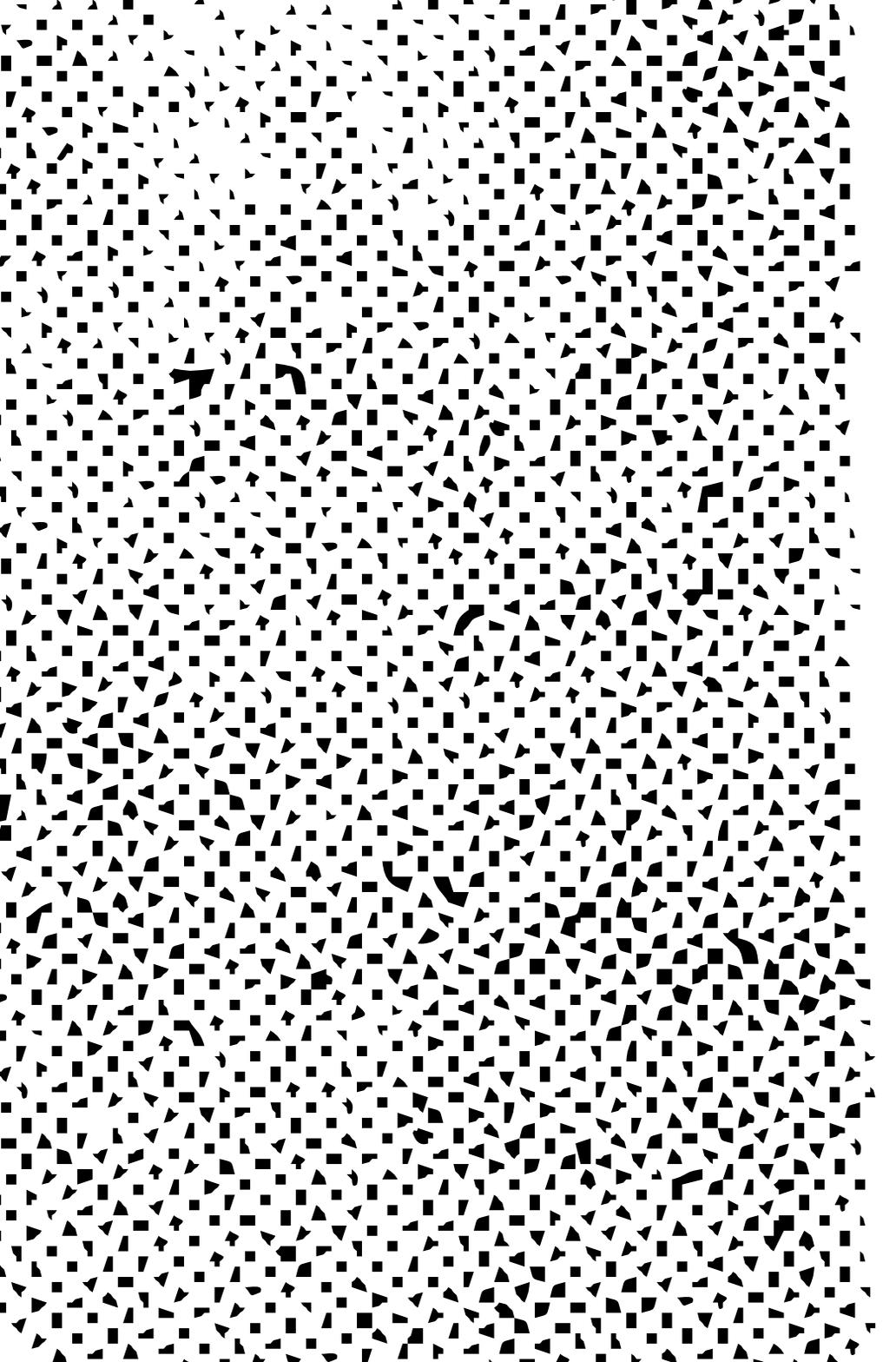




Fernanda  
Grigolin

Sou Aquela  
Mulher  
do Canto  
Esquerdo do  
Quadro

Dedico a todas as mulheres libertárias  
que vieram antes de nós



Pido a ti, lectora,  
que al leerme escuches  
a una mujer tejiendo en una máquina.

Sí, soy yo la tejedora.

Puedo ser también  
una mujer tipógrafa que busca,  
letra por letra,  
poner un periódico en rotativa.

Puedo ser también  
una mujer que maneja el telégrafo  
y avisa en punto y trazo a otras mujeres:  
*oigan, vamos a empezar nuestra huelga.*

Estas son las imágenes,  
te lo pido,  
escúchalas, son mujeres.

Lo mejor sería hablar de mí en gerundio,  
construyéndome,  
armándome línea a línea  
desde una temporalidad feminista.

Pero escribir en gerundio todo el tiempo  
puede convertir lo que escriba  
en algo muy aburrido,  
casi un error lingüístico.

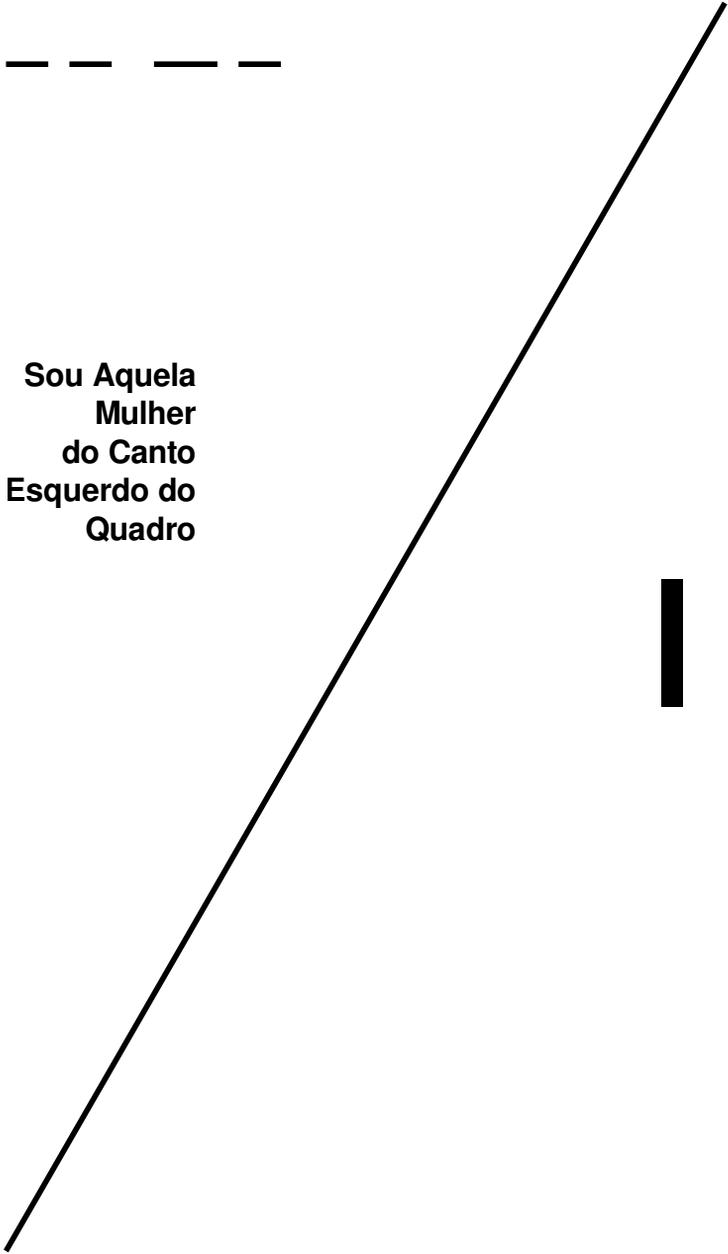
Haz, lectora,  
el gerundio en ti,  
lee estas palabras  
con tu movimiento interno presente.

Solo la inquietud  
construye saberes desviantes.

Sí, soy yo la narradora.



**Sou Aquela  
Mulher  
do Canto  
Esquerdo do  
Quadro**



**S**IM, SOU EU. Eu me lembro do ano, era 1923. Coloquei meu principal vestido e fui acompanhar o cortejo fúnebre em frente à Fábrica. Todos estavam com suas melhores roupas, as crianças corriam por todos os lados. O Chefe da Fiação estava lado a lado do Feitor. Todos perto de mim pareciam em festa, pouco choro. Pra gente, era muito mais um dia de feriado que de dor. Nami Jafet tinha morrido, final de ano. Não sei muito bem do que ele morreu. Faz tanto tempo. Eles abriram as portas da mansão, e alguns de nós acompanhamos dali. O Zé, meu falecido, foi. Ele queria ver de perto o dinheiro todo em mármore e as escadas desenhadas. Eu me neguei a entrar. Casa grande pra pouca gente nunca me fez bem.

As ruas de baixo e de cima do Ipiranga estavam lotadas de bandeiras. O meu vizinho aproveitou o terno do casamento dele, uma semana antes, colocou e saiu pelo bairro. Uma moça que trabalhava comigo na Fiação vestiu a mesma roupa que usou no Natal, ela me confidenciou.

Carros e cavalos passavam. Homens fotografavam e filmavam. Um estava bem ao meu lado. Eu olhei algumas vezes para ele. Ele é algum parente seu? Como conseguiu esta foto? Eu me lembro tanto desse vestido xadrez. Eu mesma costurei. Usei o mesmo tecido feito na Fábrica. Era o único pano que eu conseguia comprar na época.

O enterro do Jafet foi muito diferente do enterro do Martínez, seis anos antes. Você nunca ouviu falar do Martínez!? Nessa história eu não saí em foto de perto, mas vivi muito mais aquele momento. Era 1917, o Martínez tinha sido gravemente ferido em frente ao Mariângela e logo morreu. As ruas do Brás tomadas pela cavalaria que vinha sem dó para cima das pessoas. Crianças e mulheres foram arrastadas. Alguns tiros, eu escutei. Uma menina bem pequena morreu no mesmo dia. Acho que ela se chamava Eduarda. No dia 11 de julho, todos nós vestíamos preto, éramos muitas mulheres, as bandeiras eram simples, cortamos tecidos pretos e vermelhos que tínhamos em casa. Empunhávamos, gritávamos. A morte de Martínez não era aceita, ele era nosso camarada de luta.

**A cidade estava ocupada; a vida, em suspensão.  
Queriam o melhor para todos.**

---

### **O enterro do infortunado Martínez**

Foi uma homenagem sem igual a que os grevistas de São Paulo renderam ao inditoso companheiro Martínez, a primeira vítima da sanha policialesca.

O préstito, que as autoridades pretenderam desviar do centro da cidade, atravessou as ruas principais antes de se dirigir ao cemitério do Araçá, onde o corpo do infeliz operário foi inumado.

Não só o enterro não se efetuou no cemitério da 4ª Parada, como era desejo da polícia, mas ainda a enorme massa que formava o cortejo seguiu por onde muito bem quis, contra a vontade expressa dos mandões que não estimavam ouvir na própria cara e perto do seu antro as veementes acusações das turbas, repletas de justificada revolta.

Assim, foram tomadas, de ponta a ponta, pela multidão as ruas Quinze de Novembro e São Bento, onde os aristocratas vendilhões exercitam o seu lucrativo comércio.

---

*A Plebe*, 21 de julho de 1917

**2** Antes de trabalhar no Jafet eu passei por outras Fábricas. Crespi foi uma delas. O lugar era inóspito, tínhamos medo da forma de agir dos Mestres, mas o fato não impediu a Greve. As trabalhadoras eram muito ativas. Eu as admirava. Como podiam, tão pequenas e mirradas, enfrentar assim a todos?! A Teca era minha amiga, foi parteira do meu primeiro filho.

Era muito difícil o trabalho noturno. Matilde uma vez me contou que uma companheira foi cercada por quatro ou cinco Mestres, ela foi estuprada ali no meio de todo mundo. Nunca mais a viram. Depois souberam que ela foi enviada ao Asilo Bom Pastor porque engravidou. Quer saber mais do Asilo Bom Pastor? Poucas moças da sua condição social eram mandadas pra lá, mas da minha eram muitas. O Asilo era um lugar para “moças arrependidas” e degeneradas. Hoje em dia acho que mudou de função, mas eu vejo gente entrando e saindo de lá, é aqui pertinho, é meio escondido. Você pega a Rua do Sorocabano, fica ali na esquina de lá com a Bom Pastor, perto da parte baixa do Parque. Para entrar tem que subir uma escadaria grande. Há boatos de que o lugar nunca foi bom; era dirigido por freiras católicas, mas teve uma época em que tinha um administrador, um homem casado que molestava as moças. Era um tal de Coimbra...

**3** Hoje eu tenho uma entrega para fazer no Sacomã. Não vou conseguir recebê-la.

**4** As tecelãs e as costureiras eram unidas. Há uma conversa por aí de que somos burras. O que é uma mentira. É uma injustiça com a nossa luta. Houve muita coisa bem antes da Greve. Se você procurar, vai saber da União das Operárias Costureiras e a Liga de Resistência das Costureiras... No Rio, o Grupo pela Emancipação Feminina tentou criar um Jornal, só saiu um número, chamava *O Nosso Jornal*. Os homens não entendiam que as mulheres não conseguiam dedicar todo o tempo aos encontros, o trabalho de casa ficava pra gente, né?, e ainda fica. Esse é um tema não falado, e é conflituoso...

Meu primeiro emprego foi em uma Fábrica de juta, fazendo sacaria para o café mesmo. Eu tinha sete anos. Sim, eu era uma criança. Vixe, mas naquela época mulheres e crianças eram a maioria. Eu ajudava

a enrolar as meadas. Depois, com doze anos, fui trabalhar em uma Tecelagem, eu subia numa caixa de cebola para alcançar a espolinha. Havia outras crianças, trabalhávamos doze, catorze horas. Tinha um menino que era tão espoleta, ele se chamava Manoel, logo que entrou, ele ficou com uns dois ou três salários com muito desconto. Era quase uma estrutura militar. Não podíamos sair do nosso posto, tudo virava multa ou desconto.

*Terra Livre*, 26 de novembro de 1907

---

Uma das classes ignominiosamente explorada, a classe das costureiras de carregação, na sua quase totalidade de mulheres, agita-se atualmente em São Paulo, para arrancar um aumento de salário aos seus patrões. Estes, quase todos de nacionalidade estrangeira, sórdidos e exploradores em máximo grau, negaram-se a satisfazer o pedido das operárias. Estas declararam-se em Greve imediatamente.

---

---

Eu vejo que o começo de tudo foi nessa época. Eu era pequena, mas lá eu vi muita coisa acontecer. As reuniões eram perto das Oficinas e Fábricas, eu não ia porque era criança. Porém, as operárias se revezavam para me deixar em casa, não só a mim, todas as crianças cujos pais não podiam buscar tinham companhia. Quando eu já era grandinha, minha mãe conseguiu me colocar numa Escola na Celso Garcia para estudar, eu já tinha treze anos, e aos quinze ainda estava lá estudando e me casei... Foi na Escola que ouvi pela primeira vez falar em Emancipação da Mulher.

---

Considerando que a emancipação da mulher constitui uma necessidade para a liberdade dos povos e que essa emancipação só se conseguirá mediante instrução racional e científica e pela luta consciente, em prol dos seus direitos e reivindicações, este centro propõe:

1º - Reunir em seu seio o maior número possível de pessoas do sexo feminino.

2º - Manter as mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as Instituições cujos fins tendam à emancipação da humanidade.

3º - Trabalhar no sentido de instruir e educar as mulheres, para, assim, elevar-lhes o caráter e torná-las aptas a conquistar sua emancipação. Para esse fim empregará os seguintes meios:

Criar Escolas gratuitas para jovens meninas que desejam instruir-se.

Fundar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social.

Organizar conferências, festivais, instrutivos, recreativos etc.

4º - Combater todos os males sociais, assim como as causas que os originam, e aderir a todas as iniciativas que tiverem esse fim.

---

---

---

Maria A. Soares,  
"Centro Feminino".  
*O Grito Operário*,  
6 de março de 1915

5

Da Mooca, vim morar no Ipiranga, e nunca mais saí desta casa. Minha prima do interior pagava à prestação o terreno da casa do lado. Era puro mato, depois foram construídas outras casas, e a gente chamava por aqui de Vila Amarela. As casas tinham que obedecer a certo padrão e nem todos os operários conseguiam lugar, tinha uma escolha feita pelo Feitor. Ele ia para os interiores em busca de pessoas para trabalhar para os Jafet. Quando eu consegui o terreno foi uma alegria! As crianças da minha prima e as minhas brincavam no mesmo espaço.

Quê!? Não sei, não, o nome do Feitor. Era um cara carrancudo que cuidava das mais de trezentas casas que os Jafet construíram. Ele administrava o dinheiro das prestações, éramos retirados das casas por ele se houvesse muito atraso. Vi, claro que vi, eu já vi família inteira sendo despejada como um nada. Como também vi operário sendo morto na porta da Fábrica... Não é fácil, não. Em que mundo você vive pra fazer essas perguntas pra mim? Você deve ser bem-nascida pra não perceber que a vida segue assim até hoje, com outra cara, em outros bairros, mas do mesmo jeito.

6

Meu lar foi tomando forma aos poucos, gosto de me lembrar da frente que eu enchi de rosas, eram quatro metros de frente com rosas vermelhas. Não tinha nada na redondeza quando chegamos, nem nome de rua tinha, hoje chama Manifesto.

Quando vim pra cá, eu descobri que no Jafet também teve Greve em 1917, foi logo depois da Greve no Crespi, e uma amiga disse: “Não comente com o Chefe da Fiação que você era amiga das grevistas da Mooca, nem que você estudou na Escola deles. Isso pode trazer muitos problemas pra você. Pode perder o emprego e, pior, pode até ser presa”.

7

Tive medo. Eu guardava uma bandeira em cima do guarda-roupa, que usei na caminhada para o Araçá. Resolvi jogar fora. Não deveria ter ficado com medo, muito menos ter jogado nada fora, mas na hora eu só pensava no temor de aqueles homens violentos descobrirem que eu tinha a bandeira e tinha escrito um dos manifestos... Sim, pode ser covardia ter omitido meu passado, mas eu estava muito frágil, o Zé precisava trabalhar e eu também. Um primo nosso ficou preso anos e anos, saiu da cadeia e teve que abrir uma sapa-

taria dele. Ninguém dava emprego para ex-grevista. Todo mundo tinha medo, era uma campanha contra a gente. Você não imagina, menina, deve ter nascido em berço de ouro mesmo. Sabe o que é lutar, lutar e lutar, e nada? Assim foi.

Hoje tenho uma conclusão: se a gente tivesse se unido, se os simpatizantes tivessem seguido, se nenhuma pessoa da cidade tivesse acreditado na difamação e na destruição dos espaços, tudo teria sido diferente.

*De São Paulo não sairão mais guerras civis anárquicas, e sim “uma revolução intelectual e científica” suscetível de mudar as concepções econômicas e sociais dos brasileiros.*

Sérgio Milliet

**8**

---

Falar mais sobre a Greve de 17!? Você é filha de algum figurão? É jornalista? Não gosto de jornalista, não! Ah, artista? Único artista que eu vi frente a frente foi o Volpi. Ele é do bairro vizinho, Cambuci. A Judith é muito amiga daquela vizinha do portão marrom. Aquela casa ali, ó. Sabia que minha filha estudou no Liceu? Mas logo depois as filhinhas de papai faziam chacota dela porque ela não falava bem francês e o desenho dela era “ruim”. O que eu acolhi de choro dessa menina nas madrugadas, foram dias e dias. Vocês não sabem respeitar as pessoas, o respeito de vocês é seletivo: ele existe apenas com aqueles que nasceram e cresceram como vocês. Sim, eu me emociono só de lembrar: lutei e luto tanto, porém quem manda são os que possuem o capital e o berço. De nós, eles só querem vozes doces soando: sim e obrigada. Vou contar da Greve para você, porque veio na minha casa e está fazendo perguntas, e estou velha e não levarei comigo estas lembranças que estão na mesa; mas não confio em melindrosa... Não, não precisa pedir desculpas. As pessoas como eu trabalhavam por qualquer preço nas Fábricas e Oficinas para Tartufos e Pulhas. Era um sacrifício sem medida, e dizem que somos cidadãos da república e temos uma pátria. Será!? Mulheres e Homens morrem à míngua, e a grande maioria faz fila à virgem dos desamparados para esquecer as suas dores. Religião não é devoção, é analgésico. E para

a gente que não está na fila e quer Outra Sociedade, vêm a polícia, o exército, a armada e todo o aparelho legal esmagando mesmo. É a joia de justiça que, para acalmar os ânimos, indignações e desesperos, promove banho de sangue, ou nos mete nos frios pavimentos dos calabouços. Você já teve alguém preso da sua família, garota? Em 1917, o dinheiro não dava pra nada, não que agora dê, só que naquele tempo parecia que o mundo ia acabar de vez. Tinha guerra. Tinha fome. Os capitalistas e os governantes permaneciam intransigentes, apelavam para o direito, para a lei e para as forças armadas em nome próprio. E nós, o que fazíamos? Lutávamos e perdíamos nossas vidas...

Vou lhe mostrar este papel e depois peço que vá, pode voltar outro dia, mas hoje não estou boa...

---

---

## aos soldados

---

*Soldados! Não deveis perseguir os vossos irmãos de miséria. Vós, também, sois da grande massa popular, e, se hoje vestis a farda, voltareis a ser amanhã os camponeses que cultivam a terra, ou os operários explorados das Fábricas e Oficinas.*

*A fome reina em nossos lares, e os nossos filhos nos pedem pão! Os perniciosos patrões contam, para sufocar as nossas reclamações, com as armas de que vos armaram, ó soldados.*

*Essas armas eles vo-las deram para garantir o seu direito de esfomear o povo.*

*Mas, soldados, não façais o jogo dos grandes industriais que não têm pátria.*

*Lembraí-vos que o soldado do Brasil sempre se opôs à tirania e ao assassinato das liberdades.*

*O soldado brasileiro recusou-se no Rio, em 81, a atirar sobre o povo quando protestava contra o imposto do vintém e,*

*até o dia 13 de maio de 1888, recusou-se a ir contra os escravos que se rebelavam, fugindo ao cativeiro!*

*Que belo exemplo a imitar!*

*Não vos presteis, soldados, a servir de instrumento da opressão dos Matarazzos, Crespi, Gamba, Hoffman etc., os capitalistas que levam a fome ao lar dos pobres, e gastam os milhões mal adquiridos e que esbanjam com as cocotes.*

*Soldados!*

*Cumpri o vosso dever de homens! Os grevistas são vossos irmãos na miséria e no sofrimento; os grevistas morrem de fome, ao passo que os patrões morrem de indigestão!*

*Soldados! Recusai-vos ao papel de carrascos!*

São Paulo, junho de 1917

UM GRUPO DE MULHERES

GREVISTAS

---

---

Ah, o papel da última visita... Sim, eu fiz parte. No Brás, existia uma Tipografia bem pequena, jornais e panfletos saíam de lá. Fomos em quatro ou cinco de nós, o Everardo conhecia o lugar, ele foi conosco. Foi quando entramos em Greve no Crespi, em junho. Depois o texto saiu n' *A Plebe*. Os jornais, as revistas e outros papéis, eu não joguei fora, guardei nesta caixa bem escondidos, não tive coragem de dar fim. O que foi um acerto, pude agora olhar tudo e contar para vocês.

Na mesma *Plebe* há mais coisa sobre a Greve se espalhando pela cidade, pelo interior. Ela se alastrou pra capital na época, o Rio de Janeiro.

### No dia 14

No dia 14 realizou-se a reunião convocada pela Federação Operária do Rio de Janeiro para deliberar sobre a atitude que o operariado daquela capital deveria tomar diante da Greve Geral de S. Paulo.

Falaram diversos oradores que, em discursos veementes, verberaram a brutalidade da polícia paulista. Todos os oradores declararam-se francamente solidários com os seus companheiros paredistas desta cidade.

Foi aprovada a seguinte moção:

“A Federação Operária do Rio de Janeiro, órgão intérprete e fiel das Associações Operárias que a compõem, primeiro hipoteca franca adesão e completa solidariedade ao operariado de São Paulo, ora em Greve, e louva e admira a heroicidade da sua ação na luta travada contra a classe patronal, obrigando-a a recuar e ceder os seus propósitos de insaciável exploração;

segundo, faz ardentes votos pelo triunfo integral da Greve em que se empenharam aqueles irmãos em sofrimentos, que, à custa do próprio sangue, estão fazendo valer as reivindicações proletárias; terceiro, protesta tornar efetivo o apoio que lhe merece o movimento paulistano, logo que assim seja necessário.

Resolve ainda telegrafar a todas as associações federadas ou não federadas, dos estados, de acordo com o movimento iniciado no estado de São Paulo.”

No dia 15, domingo, à tarde, realizou-se um grande comício na praça Marechal Floriano, em frente ao Theatro Municipal.

Fizeram-se ouvir vários oradores, sendo sugerida a ideia da Greve Geral no Rio, como o mais vivo sinal de solidariedade aos trabalhadores de São Paulo.



■ *A Plebe*, 21 de julho de 1917

A Greve deu força para a criação de muita coisa, como a Liga aqui do bairro, que começou em maio de 1917, mas foi registrada no cartório como Liga Operária do Ipiranga em 1919. Ela funcionava bem pertinho da Fiação. Era um lugar de encontro e de discussão também. Ela durou pouco, alguns anos. As Ligas passaram a ser ilegais e foram fechadas pela polícia. E, uns vinte anos depois, criaram um tal de Círculo Operário do Ipiranga, esse tinha apoio do Getúlio, e também dos Jafet. O lugar era mais para resolver problemas e dar assistência hospitalar e educacional com base católica do que para conversar sobre formas de viver.

**10**

Hoje você veio de ônibus? Entra, entra. Sim, o Ipiranga sempre foi de fácil acesso. Na época que eu trabalhava na Fiação, mesmo para quem não morasse nas redondezas, pegava-se o Bonde Fábrica e chegava rapidinho. Eu tinha uma vantagem ainda maior por morar aqui: a casa era perto da Fábrica e perto da Escolinha. Eu saía da Vila Amarela, deixava minha menina na creche e só cruzava pra esquerda, e já entrava na Fiação. Era um mundo de gente, acho que quatro mil funcionários, algo assim. Lá se fiava, tecia, estampava. Tinha gente que passava a vida lá trabalhando...

**11**

Eu me divertia às vezes, ia ao Teatro, no Salão Itália Fausta, ali na Florêncio de Abreu, às vezes aconteciam algumas encenações. No Salão das Classes Laboriosas, eu assisti à *Bandeira Proletária*, era 1922. Não me esqueço por dois motivos da peça: foi um bafafá aquele dia, e, quando cheguei em casa, minha filha estava ardendo em febre. Conto, sim: a gente não entendia por que sempre as mulheres devem ser vistas como inferiores, e justamente em uma peça de Teatro Anarquista. A mulher bonita, a Rosa, estava mais para uma melindrosa que uma operária. Ela é um bibelozinho que se deixa levar por um almofadinha e trai o companheiro... Não parecia muito o que vivíamos, eu sempre me perguntava: Por que eles não conversavam conosco para escrever? Não sei. A peça do Primeiro de Maio, eu gostava mais:

*Vem, ó maio, saúdam-te os povos  
Que em ti colhem viril confiança.*

Dizem que a foto de capa deste folheto é a Maria Antônia anos antes. A Maria Antônia foi minha professora, era pequenininha, tenho uma carta que ela me escreveu. Ela tinha uma letra bonita que eu imitava, a irmã Angelina também escrevia muito. As duas eram bordadeiras, e também eram atrizes. Eu já escutei muitas vezes Maria Antônia discursando; era uma Oradora com muito fôlego. Ela passou por maus bocados, o companheiro foi morto no Rio, não sei muito mais sobre ela hoje, uma companheira disse que visitou a Angelina, e disseram que a Antônia se converteu ao espiritismo... Elas estão vivas, sim. Uma que sei que morreu foi a Maria Lacerda de Moura. Ela falava umas coisas que depois eu ficava pensando, pensando, e chegava à conclusão de que ela estava certa. Ela acreditava muito que mulheres e homens são iguais tanto como trabalhadores quanto como seres espirituais e sexuais. Dizem que ela morreu sem muito dinheiro e desgostosa da vida...

Essa mesma mulher que reparte altas somas para a construção de igrejas ou “creches” religiosas explora, torpemente, os criados, a cozinheira, a lavadeira, a costureirinha contratada para trabalhar em sua casa, horas e horas, sob o olhar impertinente da mundana ociosa, da criatura virtuosíssima que, pelas colunas da imprensa, espalma as mãos dadivosas consolando os infelizes, os mal instalados na vida... Dá por um chapéu, por uma pluma, um brinco, um vestido de baile, um leque, uma sombrinha, uma joia, por qualquer fantasia, somas fabulosas, inacreditáveis, entretanto, exerce pressão vergonhosa sobre a sua bordadeira que lhe cobra uma miséria por qualquer trabalho feito com sacrifício inaudito, em horas torturantes de agonia, à noite, depois de exausta do trabalho diário do ateliê— no qual também já lhe tiraram gotas de sangue, na amargura da exploração pelo salário quotidiano.



aria Lacerda de Moura



## 12

Entra, entra, estou terminando um ponto cheio. Sim, sim, eu bordo muito. Depois do segundo menino, eu me dediquei ao bordado e à costura em casa, fiz desta sala um ateliê. Hoje eu costuro só para gente da região, mas antes a maioria das minhas clientes era do Jardins. Eu fazia reparos no começo, depois elas pegaram confiança e começaram a pedir mais encomendas. Aquelas mulheres têm muito dinheiro, mas são as mais choronas para pagar. Quando tinha entrega, eu levava duas horas para chegar. Hoje em dia eu me pergunto: por que eu insisti em gastar pedal e bobina com dondocas!? Era muita humilhação. Desde as mais sutis que só a gente percebe, até os acessos de ódio conosco. A Dona Filomena uma vez rasgou a tesouradas um vestido na minha frente, eu tinha trocado a cor do bordado da bainha, e ela detestava azul-celeste. O marido dela, aquele velho dono da cidade toda, me pediu para me retirar, pois tinha que consolar a Filó.

Você já deve concluir que perdi viagem e ainda voltei pra casa sem prumo algum. O Zé aquele dia foi muito bom comigo. Ele era um homem diferente, chorava e cuidava das plantas e das crianças e, de vez em quando, da casa quando eu pedia; tinha lá suas esquisitices, mas nunca foi violento. Era um homem muito calado. Diferente de mim, né. Você está percebendo.

## 13

Nossa, menina, sabe o que eu lembrei? O Zé tinha uma caixa de recortes que eu nunca mais abri depois da morte dele. Vou lá nos fundos buscar. Posso guardar esta? Você já viu as fotos do enterro do Martínez; eu recortei de *A Plebe* e de *A Cigarra*. Ah, esta é a gente na frente do Monumento à Independência. Eu sei que é aqui do lado, só que de domingo passeávamos lá com roupa de sair. Sempre tinha um fotógrafo ali onde é a pira. Ah, olha, sou eu e o Zé, a Ana e o compadre Antenor. Eu os adorava, Ana era minha comadre mesmo. Antenor fazia poemas, veio de Minas, foi garoto de recados, trabalhou em Tipografia e depois começou a fazer empreitadas. Ele parou no Ipiranga porque veio abrir ruas; tem uma rua com o nome dele na Vila Carioca, a família mora lá até hoje. Na caixa do Zé, tem o jornal que Antenor lia.

A Escola noturna que vinha sendo dirigida pela srta. Maria Madalena de Jesus há mais de três anos e, ultimamente, a cargo da srta. Maria Bertolina Silva; foi pelos exmos. srs. drs. José Januário de Magalhães, m. d. Prefeito Municipal e Jacomino Inacarato, ilustre representante do sr. Inspetor Escolar, dr. Ismael Coimbra, oficializada como Escola Noturna Municipal da Frente Negra Brasileira.

Às 8h30min da noite do dia 21 do mês p.p. deu-se a abertura das solenidades, falando após a instalação, o ilustrado patricio e representante da sede central de Minas, sr. Raimundo Macedo Filho, em agradecimento, pela escolha de seu nome e nomeação para lecionar na referida Escola. Falaram o jovem Lázaro Silva, o sr. Leopoldo Poli, o dr. Jacomino Inacarato e o dr. José J. de Magalhães, que brilhantemente proporcionaram maiores alegrias aos *frentenegrinos* de Muzambinho, pelas recepções e palavras amigas que foram dirigidas. O sr. João Cândido dos Santos, da Sede Central de Minas e Secretário *ad hoc* nessa solenidade, discursou eloquentemente, com nobreza de espírito, bondade de coração, fez votos de prosperidade à recém-instalada Escola. Ao terminar, foi cantado o hino da Gente Negra Brasileira, encerrando a sessão.

De manhã eu sempre estou mais animada. Vem, vamos dar uma volta pelo bairro, preciso ir à padaria, aí eu lhe conto o que quiser. Caminhando, as ideias escapam de outro jeito. Esta coisa grava no barulho da rua, né? A família do Zé sempre morou no Ipiranga, demorou pra vingar esse bairro, foi chácara e sítio por séculos. Dizem que vingou só quando os Jafet e o Trem chegaram. Vem, quero mostrar pra você o caminho que eu fazia da Vila até a Fiação; depois tomamos um café na padaria e eu lhe mostro o Cinema, a Bocha, o Parque, os Casarões... Vamos!? Você me lembra de, na volta, pegar as Sorocabanos, eu quero lhe mostrar o Asilo Bom Pastor, ou você foi aquele dia? Não tem problemas, vamos hoje, fica muito perto de onde funcionava a Tipografia e a Biblioteca do Augusto.

Todo dia eu abria esta porta como agora, só que era pela manhã... Abria e fechava em seguida, dava duas voltas na chave. Eu virava a maçaneta assim, pra ver se fechou, e ia para a Fábrica. Se faz este barulho, BLON, ela está bem fechada. Ah, essa coisa tem vida própria, canta. Olha isto. Não, não, não, não era assim desleixado, não! Havia roseiras das vizinhas. Eu caminhava e dizia: “Olá, bom dia; olá, bom dia!”. O vizinho de cima tinha uma filha linda, uma vez me espantei: “Como cresceu a Maria, Joaquim!”. Hoje não conheço muita gente não, há muita gente nova que não diz nem oi. A padaria era aqui à direita, agora é ali na Tabor. Mas a padaria da Manifesto era do lado, e o Luís era o padeiro, eu sempre avisava pra ele: “De tarde eu passo, venho comprar pão”. O Clube que você vê era um matagal, hoje é essa coisa bonita. O terreno do clube era dos Jafet, eles ajudaram a fundar, começou com futebol, agora tem este piscinão. Olha ali o carro, cuidado. Vamos seguir. A gente vira à direita. Aqui era a Fábrica, vamos duas quadras direto e depois só virar. Eu entrava por onde estão estas mocinhas. Neste bar eu comia uma coxinha, o pessoal ainda come aqui, a comida deve ser boa, quando está cheio assim é bom sinal. Vamos reto e depois entramos à direita e à esquerda e já estamos na Tabor.

Café com pão de manhã faz um bem. Está vendo este prédio do lado? Era um Cinema, foi um dos primeiros de São Paulo; quando abriu não era aqui, era ali no pé do Rio. O salão enchia. Era uma febre, e bem antes de Mazzaropi. Foi na época do Cinejornal; eu sentei na primeira fila na exibição sobre os cem anos da independência, mostraram a construção do Parque, apareciam os trabalhadores carregando areia. Você sabe que a construção do Parque foi um bafafá, teve roubo,

desvio de verba. O Antenor que trabalhou lá também demorou para receber... Ah, ele aparece rapidamente em alguns momentos do filme. Exatamente, Antenor era meu compadre. Nossos encontros demoram para acontecer, aí eu não me lembro de tudo que contei para você. Nossa, tudo isso? Já nos encontramos quatorze vezes... Estou começando a me afeiçoar por você, moça.

O Cinema era mais ou menos neste lugar, aqui ficava a entrada, pagávamos quatrocentos réis para entrar. Ele não era bem exatamente onde pisamos porque antes o Rio fazia voltas e circundava a terra, por isso ali atrás era conhecido como Ilha do Sapo. O Rio, na cheia, criava ilhotas e tinha muita perereca. Hoje este Rio reto é engana bobo. Você compra uma casa mais pra cá, achando que o Rio não vai interferir em nada, mas ele tem memória, e a memória do Rio é a Enchente. O Cinema era de um Anarquista, fizemos muitas reuniões antes dele mudar pra depois da ponte, ali onde estávamos, do lado da Padaria. O Zé me contou que um dos Comícios da Greve de 17 foi no Cinema, eu não sei se foi mas é bem provável. Tá vendo ali? É a Bocha, todos os Tipógrafos vão jogar no final da tarde. Vamos subir? Quero lhe mostrar as Mansões dos Jafet, você vai perceber que, depois olhando voltado pra cá, dá pra ver a Fábrica e até minha casa. Diziam que tinha um funcionário dos Jafet com binóculo vigiando tudo do lado de cá.

O Parque é bonito, não!? Concordo, esta subida é de tirar o fôlego, de sábado é sempre cheio, o pessoal vem paquerar. As mocinhas dizem que tem muito tarado atrás das árvores. Toma cuidado, vai que algum está de folga do trabalho e veio abusar de alguma moça. Seguimos em frente, mas com um dos olhos nas costas e vigiando se nenhum Don Juan se avizinha. Pra esquerda são as casas dos Jafet, e este é o Círculo Social. Pra cá é tudo da igreja, disseram que foi doação do governo para os padres. Sim, tem umas construções bonitas mesmo, eu não entro em nenhuma porque minha convicção não bate. Nossa, ali tem algo de que me lembrei: o orfanato Cristóvão Colombo. Esse aí antes era só pra meninos, o das meninas fica na Vila Prudente. Lá no das meninas teve o Caso Idalina, o pessoal cantava:

*Onde está Idalina?*

*No buraco da latrina!*

*Quem foi o assassino?*

*O Padre Faustino!*

Isso, isso mesmo, o caso de estupro e desaparecimento de uma menina, o ano acho que foi 1910 ou 1911. Meu pai ficou muito sentido e dizia: “Como podem fazer uma atrocidade assim com uma criança!”, eu tinha a mesma idade da menina.

## 15

Hoje nossa conversa vai ser na sala. Ontem minha irmã Cecília veio me ver e deixou estas fotos de família. Esta é quando eles casaram, ela e o Manoel. Olha isto, o vestido era todo fechado na frente. Não está na foto: mas as costas eram 21 botões, que tínhamos que enfiar numas casinhas espremidas... Que sacrifício à toa, imagina para o marido tirar aquilo depois. Tem uma coisa que fui eu quem fez: a bainha está toda bordada com pedrinhas, era uma agulhinha finíssima, e o ornamento ficou de vários tamanhos porque usei sobras de pedras do que tínhamos. Eu tive que ir à cerimônia de luva porque eu estava com a mão maltratada. Bonito é, parece que foi planejada a diferença da pedraria, né? Mas ainda acho que foi algo desnecessário para a nossa condição. Minha mãe fez até paninho de renda para as núpcias da Cecília. Hahá, você não sabe para que serve o paninho? Você coloca embaixo da mulher porque ela sangra se é virgem, um costume tão atrasado, tão atrasado, mas eu acho que existe até hoje. No meu casamento eu não fiz nenhuma dessas coisas, eu e o Zé nos juntamos e assinamos os papéis para assegurar a casa. Por mim eu não casava, não. Minha mãe chorou quando eu disse que não queria vestido nenhum. Não ia explorar ninguém bordando e costurando pra uma roupa que se usa uma vez só.

Minha mãe e meu pai vieram do interior do estado, perto de Bauru, para trabalhar em São Paulo. Quando eu era pequena, morávamos em um Cortiço. Nos fundos do quintal, tinha um negócio que fazia um barulhão. Só depois fui entender que era Tipografia. Os homens subiam em três para descer uma prensa pesada, depois trouxeram da Itália uma outra prensa que funcionava com pedal. Aqui no Ipiranga eu vi uma a carvão que era muito perigosa. Hoje em dia essas máquinas travam, há segurança, mas antigamente tinha tipógrafo que perdia o dedo... O Zé trabalhou com isso muitos anos e contava muitas histórias. Sim, ele era linotipista, mas foi um tempo litógrafo também, ele participou da fundação da União Gráfica, a reunião foi lá no Itália Fausta... Ui, não sei o ano, talvez 1911 ou 1912. Não éramos casados. O Zé era mais velho que eu oito anos. Ele devia ter uns vinte anos quando se envolveu com Anarquismo. Nós nos conhecemos em um piquenique no Parque Antártica em 1915...

**16**

Ah, você quer saber onde era o Cortiço em que eu morei. Ui, não dá pra saber exatamente, não existe mais, foi demolido pelo prefeito da cidade da época. Muita coisa da cidade foi sendo apagada pra parecer que a cabeça da gente está contando uma ilusão. Mas é tudo real, eu tocava nas paredes daquele lugar, elas testemunharam meus primeiros passos. A polícia entrava no Cortiço sem permissão alguma e tirava as pessoas à força. Diziam que queriam limpar a cidade das doenças, mas o que queriam mesmo era eliminar o afeto. Mesmo depois que nos mudamos para a Mooca, minha mãe também me levava àquele lugar para eu me benzer.

O benzimento é uma prática muito antiga, ela existe bem antes do dinheiro, desses contos de réis que não valem nada ou mesmo antes do ponto *ajour* que ficamos a aprender na agulha ou na máquina. Eu vi criança desenganada sendo curada por Benzedeira. Não, não acredito que seja religião, não. É sabedoria popular. Alecrim e arruda são plantas que curam. As Benzedeiras entendem das misturas das folhas. Ontem eu acordei indisposta pela manhã, fui e tomei um chazinho de boldo e melhorei. E quem foi que me curou? A religião? Não! Foi o conhecimento do povo. Lá atrás eu tenho minhas plantinhas, há plantas que misturadas com água quente são melhores que muito comprimido.

**17**

Gosto quando você vem de manhã. Hoje já comi, mas posso passar um cafezinho para você. Vamos lá pra cozinha. Aquele pé de pitanga eu plantei quando vim pra cá, olha o tamanho. Se você ficar pro almoço, faço um suco de pitanga para a gente. Não, não, nunca pensei em escrever minhas memórias. Essa coisa de publicar ficou na mocidade. Olho os livros de Maria Lacerda e também escritos bonitos como os de Edgard e do meu compadre Antenor esquecidos, e não vejo sentido em publicar nada. Eles já nos silenciavam na democracia, imagina agora. Hoje em dia estamos em plena ditadura, né, menina? Aliás, como pode uma Artista buscar sobre os Anarquistas agora, é algo perigoso para você, não? Se os generais descobrem, vamos presas eu e você. Guarde bem guardadas as fitas. Gostou? É pé de fruta do conde, mas não é época de colheita. Aquele pé ali é de caqui. O Zé subia nele às vezes quando brincava de esconde-esconde com as Crianças. Este quintal ficava cheio aos domingos. Minha sogra fazia sempre polenta, hoje vou fazer uma com

molho vermelho, queijo e suco de pitanga. Eu fazia naquela época os doces, de abóbora e mamão, ou o pudim da minha mãe, bem da roça, hoje eu vou fazer um pra você.

## **P O L E N T A** ~~~~~

### **Ingredientes:**

500 gramas de fubá

1 colher de óleo

½ colher de sal

### **Preparo:**

Na panela de pressão de quatro litros, você coloca água dois dedos acima do meio do recipiente, o azeite e o sal, e deixa ferver. Ao mesmo tempo você vai dissolvendo o fubá na água. Quando a água da panela ferver, você desliga o fogão e joga o fubá mole. Mexe bem até engrossar. Tapa a panela. Liga o fogo baixo e deixa lá por trinta minutos.

Eu gosto de fazer um molho vermelho com manjeriço e alho. O Zé colocava queijo, fique à vontade para se servir quanto quiser. Hoje meus netinhos não virão pra estes lados. Foram pra Santos.

## **P U D I M** ~~~~~

### **Ingredientes:**

2 copos de açúcar

2 copos de leite

6 colheres de farinha

3 ovos

1 colher de manteiga

Raspa de um limão

### **Preparo:**

Bata todos os ingredientes no liquidificador. Caramelizar a forma. Jogar o conteúdo do liquidificador na forma e deixar quarenta minutos em banho-maria no fogo baixo.

Depois é só servir. Minha mãe fazia o pudim na mão, num tigelão. Hoje tem o liquidificador. Em alguma coisa a modernidade ajudou...

---

**18**

Menina, olha esta foto! É no centro, perto do Viaduto do Chá. Tínhamos ido eu, minha mãe, minha sobrinha e minha irmã ao restaurante para senhoras. Eu estava com mais de trinta anos. Minha sobrinha já era uma moçona. Minha irmã Cecília usou por muitos anos cinto de latão no corpo para afinar a cintura; está vendo esta cinturinha, isto não é natural, não. Exatamente, o restaurante das senhoras era da liga das senhoras católicas... Eu fui parar lá porque minha irmã só saía para ir a lugar assim, e eu às vezes aceitava ir. Minha irmã é dez anos mais velha que eu; minha mãe a colocou para estudar em um lugar em que a Anália Franco era diretora. Cecília lia *O Álbum das Meninas* e acreditava numas baboseiras, dessas que falam para nos terem quietas, mas ela acredita muito e até hoje acha que existem: prosperidade, feminilidade, moralidade e religiosidade. Eu, mais nova, comeci a estudar depois de trabalhar e fui para uma Escola que muita gente das Fábricas conhecia. Eu lia *A Lanterna*, depois *A Plebe* e a revista *Renascença*. Escutava o que as camaradas falavam e via muita verdade naquilo tudo... Há uma muralha entre mim e minha irmã. A vida não permitiu que a derrubássemos, jamais houve essa possibilidade. Ela apoiou os integralistas, gostava de Mussolini: não posso admitir despautérios dessa natureza; aqui não! Ah, pega aqueles dois retratos ali. Um é o Zé; a outra é a Tita. Eu às vezes me pergunto uma coisa: se todo dia a gente tirasse foto de tudo, não teria recordação, porque o bonito é pegar na mão, acariciar a imagem. Eu beijo sempre estas duas fotos, sinto muitas saudades deles. Eles, meus filhos, meus netos, minha prima, as minhas três outras irmãs que morreram de crupe e minha sobrinha são a minha família que carrego comigo, junto aos objetos da casa.

---

**19**

Você não é brasileira!? Nossa, mas fala tão bem o português... Entendo, entendo. Mesmo assim, tem perseguição aos estrangeiros, viu? Eram todos Indesejáveis. Soltaram uma lei, a Adolfo Gordo. Os pais da Tita foram expulsos do Brasil por causa da lei. Tita foi expulsa depois de uns anos também. O país não era fácil. Os trabalhadores brasileiros ou sofriam com preconceito, baixos salários, ou eram presos no meio da Selva; os estrangeiros eram mandados voltar para casa, só que tinha gente que nasceu em um navio, nem falava a língua do país de origem e sentia-se brasileiro. Você consegue imaginar a dor de ser expulso? Em 21, a Espanha proibiu as

peessoas de lá de emigrarem pro Brasil, eles diziam que o nosso país não oferecia nenhuma espécie de segurança econômica e política. Não é de hoje que os que mandam cometem barbaridades com quem tem que trabalhar para sobreviver, e foi assim na colônia, no império e, agora, na república.

## 20

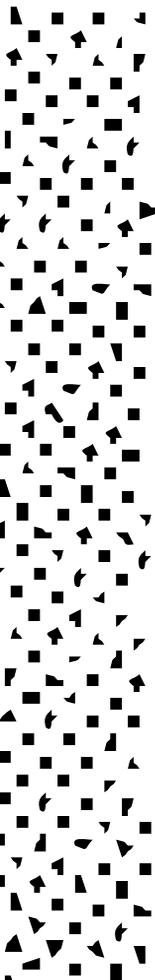
Vem cá à mesinha, estou lendo este livro: *Camisas Negras*. Tita me mandou há muitos anos, mas na época eu não conseguia ler em espanhol, agora consigo. É da Luce Fabbri. Eu traduzi um trechinho no meu caderno, quero a sua opinião:

Em 1918-19, o povo italiano estava alvoroçado. Falou-se muito, especialmente na historiografia oficial do fascismo, da desorganização dos serviços públicos, das inúmeras Greves, do perigo bolchevique que aparecia como ameaça no horizonte da Itália. Agitações semelhantes aconteceram no período pós-bélico em toda a Europa. Mas o que havia por trás dessa efervescência comum a todos os países, havia algo mais sério na Itália, e as classes dirigentes sentiam isso. As organizações operárias tinham presenciado o aumento de seus afiliados de forma fabulosa; nas eleições, o partido socialista esmagou a direita. Um número extraordinário de comunas era administrado pela esquerda; em algumas cidades um grande número de cooperativas, coordenadas e às vezes criadas por socialistas, estava eliminando o comércio particular. As bibliotecas e as universidades populares se multiplicavam. Em contrapartida, não existia uma verdadeira preparação revolucionária, mesmo que a revolução tivesse chegado a ser uma coisa familiar e imaginável para as pessoas, até para as crianças.

Traduzido de *Camisas Negras*, de Luce Fabbri

No começo eu traduzia para saber se estava entendendo bem, agora gosto de ficar vertendo, eu anoto os significados e vou copiando em português. Depois desse trecho que anotei, a Luce fala da *contrarrevolução preventiva* que foi o fascismo. Forte, forte! Esse perigo ronda

a gente. A Tita sempre dizia: o fascismo não morreu, só se escondeu. Infelizmente, elas estavam certas... A Tita morreu ano passado, com 89 anos. Aquela foto ali é da nossa viagem para Poços de Caldas para visitar a Teresina. A Tita morava com uma amiga mexicana ou italiana, agora não sei, a moça tem um nome lindo: Petra. Tita foi a mulher mais inteligente que conheci. Logo depois que foi expulsa do Brasil, passou a me mandar cartas. Não encontrei as cartas, mas encontrei uma das últimas coisas que ela me entregou em confiança: sua autobiografia. Acho que a mocidade entende melhor mulheres à frente de seu tempo como foi a Tita, eu deixo com você a história que ela viveu.



**YO,  
TITA  
MUNDO**

:

Nací el 04 de mayo de 1878 en Barcelona, España.  
Cuando tenía dos años mi familia y  
yo nos fuimos a vivir a Brasil.  
Fue el primero de muchos viajes en mi vida...

Mi madre ha trabajado toda la vida como costurera y  
mi padre como zapatero. Los dos anarquistas.  
Nosotros, los hijos, aprendimos con ellos en la práctica.

La biblioteca era el lugar común de la casa y  
siempre leíamos libros en español, portugués e italiano.  
Empecé a trabajar con once años y  
con veinte participé en mi primer boicot, me acuerdo bien.

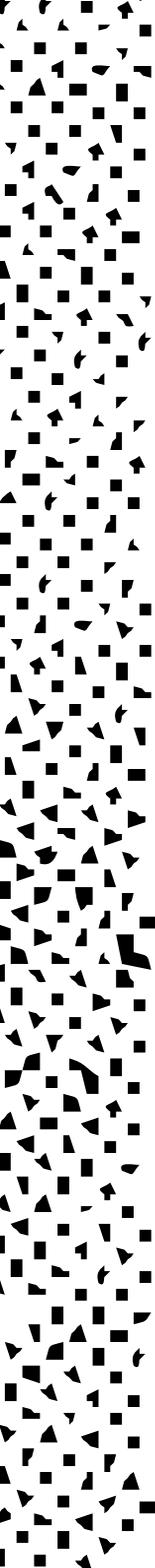
Era 1908, São Paulo, armamos un plan entre nosotras,  
las que trabajábamos cosiendo sacos de yute  
desabrocharíamos los puntos de manera imperceptible,  
los *Mestres* no lo percibirían, y  
llevarían los sacos a los almacenes para rellenarlos de café.  
Era un riesgo, pasar por el control riguroso que  
ellos hacían, pero con un buen plan sería posible...

Pasamos algunos meses haciendo pruebas y  
ese día todo salió perfecto:  
el café fue puesto en los sacos, miles de sacos.  
La mayoría de ellos se descosieron en los trenes rumbo  
a Santos, rumbo a la exportación...

La *bolsa* del café bajó puntos y  
percibimos que unidas somos fuertes.  
Pero una de las compañeras nos delató,  
Lucía y yo fuimos enviadas a la cárcel como conspiradoras...

Pasaron cinco años hasta poder salir.  
Mis padres ya habían sido deportados a España y  
sobre mi hermano no conseguí ninguna información.  
Yo por haber cometido apenas  
un “crimen” contra la seguridad nacional,  
me metieron en la prisión.  
Cuando salí,  
mi casa ya no existía,  
estaba completamente sola.  
Lucía había sido torturada y estaba muerta.  
Yo la extrañaba.

Con nombre falso conseguí trabajo en una Tejeduría  
(*Contornificio Crespi*).  
También conocí a  
muchas mujeres que me enseñaron cosas ahí.  
Mi alma es libre y  
hasta que no se logre la libertad  
como un hecho social, voy a ser huelguista.



Aguanté poco tiempo sin planificar acciones porque la fábrica era un lugar insoportable...

Ahí conocí a Sophie, ella era parte con las hermanas Soares y otras del *Centro Feminino de Jovens Idealistas*. Empezamos a vivir juntas y me uní a esas mujeres a las que hasta hoy extraño mucho. Vino la Huelga de 1917: enorme, inmensa. Mi corazón decía que los cambios eran posibles y que íbamos a construir un futuro dichoso. Me encarcelaron una vez más...

Descubrieron que era Tita Mundo, la Peligrosa Tita, como me nombraron.

Por ser mi segunda vez en prisión me expulsaron a España. Llegué a Barcelona casi 38 años después de mi partida. No sabía mucho de aquel país, sabía que era la tierra de mis padres y que allá ellos empezaron a decirse anarquistas, leíamos muchos libros hechos por españoles. Ferrer Guardia había sido fusilado allí...

Pero mi cotidianidad era en Brasil, yo solo conocía a los anarquistas que vivían allá. Busqué a hermanos y amigos de mi madre y me comentaron que mi padre y madre habían muerto bajo el mando del pistolero.

De regreso a España, ellos se organizaron en sindicatos, armaron una huelga y fueron asesinados por los matones del patrón...

De mi hermano nada sabían, pero después de un tiempo descubrí que él pasó años siendo trasladado a varias cárceles, como *Bastilha de Cambuci*, y que murió en *Clevelandia*, la prisión hecha para nosotros, los anarquistas,

bien aislada en el norte de Brasil y  
de la que sólo Domingos Passos y  
algunos lograron escapar.

En Barcelona, empecé a trabajar como panadera  
para tener plata, poder sobrevivir e irme de ahí.  
Veía la sangre de mis padres por todos lados...

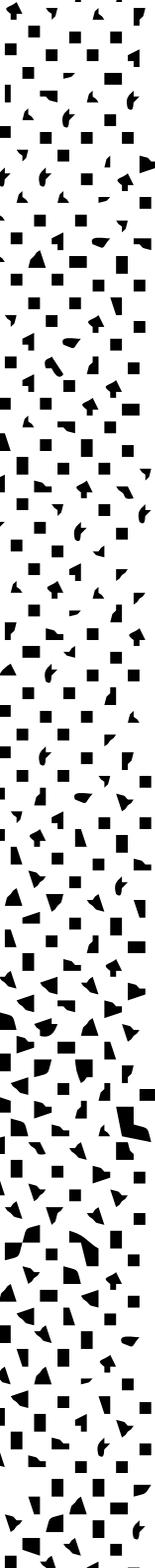
En 1920 me subí a un navío de nuevo, ahora hacia México.  
Llegué al Puerto de Veracruz,  
la Libertad cubrió todo mi cuerpo otra vez.  
Encontré muchas mujeres preciosas en La Huaca,  
muchas como yo:  
solteras, sin hijos y que creían en el placer sexual.  
Me fui a vivir a esa parte de la ciudad.

En el patio de la vecindad conversábamos,  
leíamos los artículos de las mujeres sobre nuestros derechos.  
Muchas de nosotras eran prostitutas.  
Hablabamos todos los días sobre la liberación sexual.

Los alquileres subían cada día.  
Las muchachas resolvieron unirse y empezaron la huelga.  
La unión entre las mujeres se contagiaba de patio a patio.  
Tamales, café negro, Tierra y Libertad eran lo que queríamos.  
En nuestras puertas colgábamos:  
*Estoy en huelga y no pago la renta.*

Miraba los ojos de cada compañera y veía mucha verdad.  
Nuestras reivindicaciones eran:  
Liberación Sexual, Fin de la Propiedad Privada y  
Fin del Estado.  
Allá conocí a Petra y nos enamoramos.  
Pasábamos días y días juntas,  
hablando de nuestras historias...

Llegó el 5 de Julio de 1922,  
llovía como nunca,  
el agua llegaba hasta los huesos.



Fuimos todas al sindicato,  
había muchas personas,  
mujeres y hombres.  
La huelga estaba por todas partes...

Intentamos salir en marcha pero  
los federales no nos dejaron.  
Hubo confrontación.  
Muchas muertes y encarcelados.  
Me metieron a la cárcel una vez más,  
fue la peor prisión de mi vida, fui violada, ofendida...

Me obligaron a tener sexo con dos hombres,  
hasta hoy tengo pesadillas, policías violándome.  
Antes, mis sueños siempre habían sido tiernos y  
con mujeres...

En el año de 1923, un año después,  
creamos entre muchas la  
Federación de Mujeres Libertarias en Veracruz.  
Leíamos y estudiábamos la historia de  
las mujeres anarquistas mexicanas.  
Supe de la vida de Margarita Ortega Valdés,  
una valiente combatiente magonista que enfrentó el desierto y  
la represión, murió fusilada en 1913.  
Aquello me impresionó, aún después de todo  
lo que yo ya había vivido.  
La historia de ella estaba llena de detalles  
y me parecía escuchar su voz por la noche diciéndome:  
*fuerza hermana!*

Ella entendía el desierto y  
sus zonas de inmenso calor como nadie.  
Empecé a leer más sobre los magonistas y  
sus intentos de resistencia en la frontera.  
La larga frontera de México tiene mucha relación con  
Estados Unidos.

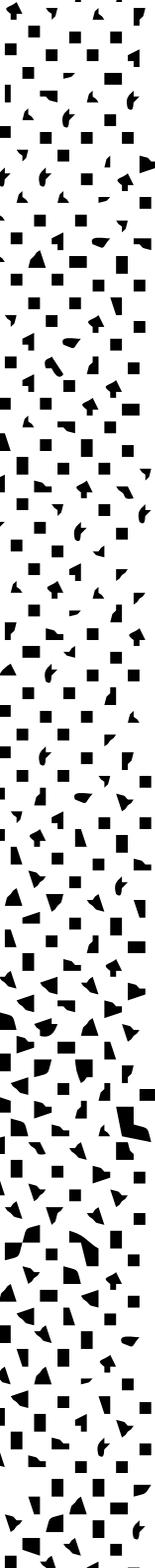
En los tiempos de la Revolución Mexicana,  
el periódico *Regeneración* tenía partes en inglés con textos  
de Emma Goldman, por ejemplo.

Supe que en esta época hubo un comité Pro  
Revolución Mexicana en mi amado Brasil,  
Emma Goldman ayudó a que Neno Vascos y  
Edgard Leuenroth supieran más de los hermanos Magón.  
En Brasil conocí a Leuenroth,  
era amigo de mis padres, nos contaba de política y  
economía brasileña,  
él creía mucho en el internacionalismo.

En 1925, Petra y yo fuimos juntas a Buenos Aires.  
Teníamos una misión,  
reforzar nuestros lazos de solidaridad,  
enviar información que no podía ir  
en una carta o por telégrafo y  
poder pensar juntas la lucha latinoamericana.  
Decían que Argentina era un lindo país...

Allá también tuvieron huelgas,  
allá también las mujeres hacían periódicos.  
*La Voz de La Mujer* fue el más antiguo.  
¡Era una emoción saber que éramos varias!

En un encuentro en México,  
cuando hablaron sobre las huelgas en Argentina,  
nombraron a una mujer:  
Virginia Bolten.  
Supe muchas cosas sobre Argentina,  
hubo un grupo de mujeres llamado Las Proletarias y  
hay un periódico en actividad *Nuestra Tribuna*,  
la directora es Juana Rouco Buella.



Al llegar a Buenos Aires tuve una grata sorpresa:  
encontré a Luigi Magrassi,  
hijo de Matilde Magrassi,  
él estaba viviendo en la ciudad.  
Matilde y yo nos habíamos conocido en una actividad y  
después nos hicimos amigas.

Que mujer tan optimista,  
creía mucho en la sociedad de resistencia.

En Argentina Matilde había sido parte del grupo  
Las Libertarias.

Luigi estaba viviendo allí involucrado en la  
Liga de la Educación Racionalista y  
colaboraba con el periódico *La Protesta*.

Buenos Aires fue un lugar con muchas actividades anarquistas:  
huelga de panaderos y  
discusiones alrededor de las ideas de Malatesta.

Pero ahora los sindicatos y  
federaciones anarquistas estaban vacíos,  
habían otras organizaciones que  
aceptaban negocios con el gobierno.

La FORA está con una campaña de jornada laboral de 6 horas,  
en un intento de terminar con la desocupación.  
De Buenos Aires tuvimos que irnos muy pronto,  
la situación era insegura...

Petra decidió ir a Europa.  
Yo decidí pasar los últimos años de mi vida en Brasil.

Extrañaba a las compañeras y la lucha en este país...  
Alquilé una casa pequeña en Santos, cerca del mar.  
Santos, a principios de siglo,  
fue considerada una de las ciudades más anarquistas del mundo  
junto a Veracruz y Barcelona.  
Son los flujos de los puertos los que traen siempre la novedad.  
Ahí me fui a vivir.

**Nosso vigésimo encontro foi uma despedida. Voltei ao Ipiranga hoje e recebi a notícia: A Mulher do Canto Esquerdo do Quadro havia morrido no domingo. Eu acatei seu último pedido: “quando publicar qualquer coisa nunca revele meu nome”.**

## Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro

Concepção e texto:  
Fernanda Grigolin

Revisão espanhol:  
Franc Paredes, Mado Reznik e Valeria Mata

Projeto gráfico:  
Laura Daviña

Agradecimentos:  
Abraham Avila, Aline Rosa, Antonio Carlos de Oliveira, Bia Varanis, Cecília Correa, Christian Capurro, Christina Lopreato, Cibele Troyano, Dario Marroche, Elena Schembri, Erandi Adame, Fabiana Faleiros, Fernando de Tacca, Flor Pastorella, Folhetaria do Centro Cultural São Paulo, Ingrid Hernandez, Ivanna Margarucci, Karla Giroto, Kathleen Tompsett, Laura Cordero, Laura Torelli, Livia Deorsola, Marcos de Moraes, Maria de Fátima Morethy Couto, Mariano Klautau, Marina Mayumi, Nayeli Morquecho Estrada, Paola Fabres, Patricia Benitez Muro, Paula Monterrey Sobral, Rafaela Jemmene, Rafaela Rabesco, Regina Melim, Rian Lozano, Ronaldo Entler, Samanta Colhado Mendes, Thiago Lemos, Val Sampaio e Vanessa Frederico.

Impressões offset e de clichês  
tipográficos: Gráfica Cinelândia

Consultoria em tipografia:  
Danilo Perillo, José Carlos Gianotti e Karina Francis Urban  
Clichês tipográficos feitos no Zincolito e no Laboratório de Gravura do IA/Unicamp

Revisão português:  
leda Lebensztayn e Lígia Magalhães Marinho

Pesquisa e texto realizados entre 2015 e 2019 ao longo do doutorado em Artes Visuais no IA/Unicamp sob o título *Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro: a história das mulheres anarquistas como narrativa encarnada*, complementado por estágio no Instituto de Estética da Unam/México e residências artísticas em três lugares: Relaciones Inesperadas/Tijuana, Paternal Espacio de Proyecto/ Buenos Aires e Ediciones Estridente/Veracruz.

Fontes: Álbum de família de Vanessa Frederico, Acervo Histórico de la Casa del Ahuizote - Ciudad de México, Acervo do Jornal Estado de São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/IFCH-Unicamp), Biblioteca Nacional, Cinemateca Brasileira, Centro de Documentação e Memória (Cedem-Unesp), Centro de Informação e Documentação Científica (Cedic-PUC), Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDInCI – Universidad Nacional de San Martín), Portal da Imprensa Negra Paulista da Universidade de São Paulo.

Série Aquela Mulher/Tenda de Livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

---

G857s Grigolin, Fernanda.  
Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro / Fernanda Grigolin.  
São Paulo : Tenda de Livros, 2019.  
32 p. : il. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-681-5115-0

1. Arte. 2. Anarquismo. 3. Literatura brasileira. 4. Poesia brasileira.  
5. Mulheres - Narrativas pessoais. I. Título.

CDD 335.83082

---

Ficha catalográfica elaborada por Lúcia Silva Parra CRB8-7892

